



A INTERAÇÃO NAS REDES SOCIAIS: A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO POR MEIO DA INTERIORIZAÇÃO E EXTERIORIZAÇÃO DO SIGNO IDEOLÓGICO

THE INTERACTION IN THE SOCIAL NETWORKS: THE CONSTITUTION OF THE SUBJECT THROUGH INTERIORIZATION AND EXTERIORIZATION OF THE IDEOLOGICAL SIGN

Maritana Corazza¹ (UPF)
Marlete Sandra Diedrich² (UPF)

RESUMO

A interação entre os indivíduos de uma mesma sociedade é o ponto de partida para o nascimento e a cristalização de novos signos ideológicos, esses ancorados nos já existentes, permitem a comunicação no ambiente social. A rede social, meio comunicativo que move nossa pesquisa pois permite que novas formas de enunciar surjam de lá, é constituída de diversos meios que abarcam diferentes ideologias; a manifestação ideológica pode estar nas entrelinhas de fotos, comentários, compartilhamentos, etc. Este trabalho, que passou pelo processo de qualificação, busca tematizar a relevância do discurso nas redes sociais a fim de constituir o sujeito usuário dessa. O objetivo sustenta-se em observar a maneira com que os sujeitos (um senhor e uma senhora) apropriam-se do discurso exteriorizado nas redes sociais para depois utilizá-lo em suas falas cotidianas. Para tanto, a discussão pauta-se em princípios advindos de Volóchinov/Bakhtin (2017); o *corpus* é formado pelo discurso composto em dois recortes representativos, provenientes do discurso dos dois sujeitos, que possibilitam a análise da representação da interiorização do signo ideológico, à medida que acompanham a enunciação compartilhada nos ambientes digitais. À guisa de conclusão, nota-se que o discurso compartilhado nas redes sociais é constitutivo para o sujeito que faz uso dessa, integrando, por meio do signo ideológico, um sujeito capaz de interagir com diversas ideologias, podendo concordar ou discordar com opiniões alheias, replicando, de maneira particular o discurso do outro.

Palavras-chave: Interação. Signos. Ideologias.

ABSTRACT

The interaction between the individuals of the same society is the starting point for the birth and crystallization of new ideological signs, those anchored in the existing ones, allow communication in the social environment. The social network, a communicative medium that moves our research because it allows new forms of enunciation to emerge from there, is constituted of diverse means that embrace different ideologies; the ideological manifestation may be between the lines of photos, comments, shares, etc. This work, which went through the qualification process, seeks to thematize the relevance of discourse in social networks in order to

¹ Mestranda e bolsista Capes (Modalidade II) no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo. E-mail: maricorazza23@hotmail.com

² Professora do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo. E-mail: marlete@upf.br



constitute the user subject of this. The objective is to observe the way in which the subjects (a gentleman and a lady) appropriate the externalized speech in social networks and then use it in their everyday speech. For this, the discussion is based on principles derived from Volóchinov / Bakhtin (2017); the corpus is formed by the discourse composed in two representative cutouts, coming from the discourse of the two subjects, that make possible the analysis of the representation of the interiorization of the ideological sign, as they accompany the shared enunciation in the digital environments. As a conclusion, we note that the shared discourse in social networks is constitutive for the subject that makes use of it, integrating, through the ideological sign, a subject capable of interacting with diverse ideologies, being able to agree or disagree with opinions of others, replicating in a particular way the discourse of the other.

Keywords: Interaction. Signos. Ideologies.

1 INTRODUÇÃO

Desde nosso nascimento, somos inseridos no meio social. Nesse meio, a comunicação é indispensável para nossa sobrevivência e essa comunicação se dá através da palavra. Mesmo sem saber o real poder das palavras, ficamos, por vezes, pensativos sobre o que é enunciado à nossa volta. Nem tudo o que expomos no meio social é pelos interlocutores, ouvido e compreendido com a mesma intencionalidade com que foram enunciados, motivando, por muitas vezes, a incompreensão discursiva.

Diante dessas considerações, nossa atenção volta-se para o uso das palavras, essas que passam a fazer parte da vida do sujeito desde os primeiros anos de sua existência devido a interatividade enunciativa presente no meio social que está inserido. A interação é guiada pela mente, originada da observação e compreensão dos enunciados compartilhados pelos sujeitos sociais que habitam uma mesma sociedade específica.

A sociedade é constituída pelo ato de enunciar, é por meio da palavra que se presentificam e cristalizam-se os signos ideológicos de acordo com seu uso. Esse sujeito que passa a ser interpelado pela ideologia cristalizada por uma sociedade específica, muda junto com ela por meio das mudanças sociais. As mudanças sociais são adotadas pelos sujeitos pertencentes a uma sociedade específica, os quais compartilham de costumes, tradições, novas formas comunicativas, novos enunciados – esses ancorados em outros já existentes, mas que polidos pelo uso modificam-se – dentre outros.

Identificamos como contribuição para este estudo, as mudanças sociais discursivas provenientes da interação entre os sujeitos pertencentes a um grupo social específico. Muitas palavras novas são compartilhadas entre os indivíduos sociais, muitas vezes, de forma imperceptível, resultado da constante interação que exige o surgimento de novas palavras e



juntamente com essas a construção de diferentes significados. A contribuição social desta pesquisa é decorrente do fato de que este estudo possibilita pensar a constituição do sujeito por meio de novos signos advindos dos ambientes digitais, o que favorece a compreensão das relações sociais e dos discursos dos sujeitos que enunciam em diferentes grupos. Será indispensável compreender como se dá a socialização da palavra e como essa é vista como fruto da constituição de cada indivíduo social.

As questões interpretativas e compreensivas da palavra derivam das combinações sociais exteriores proporcionadas pela interação e uso da palavra em sociedade. Isso significa que cada sujeito é responsável pelo entendimento da palavra e pela sua socialização no seio social. Os mesmos indivíduos de uma sociedade específica compartilham do mesmo signo, ambos compreendem seu significado e o utilizam, mas nem todos interpretam a palavra de igual maneira, isto é, o uso da palavra dependerá do contexto enunciativo no qual os interactantes estiverem inseridos no momento da comunicação, e também do conhecimento linguístico de cada indivíduo.

É a interação, portanto, responsável pela socialização dos signos. Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, o exemplo mais fidedigno a respeito da interação encontra-se nas considerações de Volóchinov/Bakhtin (2017) quando afirma que os signos fazem parte da consciência individual de cada sujeito, e essa só passa a existir quando é preenchida pelo conteúdo ideológico emergente do processo de interação social. Na análise referente aos recortes enunciativos dos dois sujeitos que vivem no interior de uma pequena cidade, a interação de ambos, em conjunto, com o que é socializado nas redes sociais faz com que o diálogo seja composto por signos procedentes dos ambientes digitais, apresentando expressões típicas de uso das ferramentas tecnológicas.

Por se tratar de um estudo sobre a constituição do discurso de dois sujeitos interioranos específicos, esta pesquisa tem como pilar principal a interação que abarca as mudanças sociais e a socialização enunciativa de signos que se dá em prol dessas mudanças. As redes sociais, que por ora, são as maiores propagadoras de compartilhamento de informações e opiniões para um grande grupo de usuários, é observada com atenção nesta pesquisa. Nos espaços tecnológicos, os sujeitos partilham ideologias diversas e encontram a possibilidade de compreender e interagir com outras culturas e saberes, o que amplia o universo cultural.



Nesse contexto, destacamos o estudo do signo ideológico na enunciação proposto por Volóchinov/Bakhtin (2017). Restringimo-nos a estudar o signo advindo da enunciação presente nos ambientes digitais e como este colabora para a constituição do sujeito interactante da rede e fora dessa. O foco de nosso objeto de estudo dar-se-á de dois recortes discursivos representativos das falas dos dois sujeitos interioranos, que possibilitam a análise da representação da compreensão da palavra à medida que acompanham a enunciação compartilhada nos ambientes sociais.

Definimos as referências teóricas a partir dos estudos sobre enunciação, interação e signo ideológico, tomando por base, em especial, Volóchinov/Bakhtin(2017) e para melhor compreendê-lo ancoramo-nos em seus estudiosos Faraco (2009), Pires (2002), Ponzio (2009) e Zandwais (2016).

2 A INTERAÇÃO

Este capítulo apresenta o percurso teórico a partir das concepções de enunciação, signo ideológico, atitude responsiva e interação. Fazer uso do texto escrito como objeto de estudo nos conduz a um amplo movimento enunciativo oriundo da interação, derivada da atitude responsiva ativa constituída pelo signo ideológico interiorizado e exteriorizado em cada ato comunicativo. Estudar a língua é uma tarefa complexa, pois aqueles que em algum momento já aceitaram tal desafio compreendem o quão difícil é decidir qual das portas deste vasto campo será aberta. Inevitavelmente, haverá exclusões e a sensação de que algo importante não foi dito. Ancoramo-nos nos estudos do Círculo de Bakhtin para compor os princípios que nos conduzirão nesta jornada, e desde já definimos o viés desta pesquisa.

Em primeira instância, questionamos: Por que o Círculo de Bakhtin? Que princípios fundamentados pelos estudiosos podem contribuir para que este estudo seja enriquecido quanto a autoprojeção do sujeito no discurso acerca das redes sociais? Encontramos, de fato, elementos que nos guiam em direção à abordagem de nossa temática? Para que possamos dar início às possíveis respostas para tais questionamentos, nossa abordagem será sobre o Círculo de Bakhtin, que possui um conjunto de obras que ancoram alguns pilares sobre os quais se ergue a concepção da linguagem: a interação verbal, o enunciado concreto, o signo ideológico e o dialogismo.



Zandwais (2016) define o Círculo de Bakhtin como: coletivos orgânicos de intelectuais que, por vezes, compunham grupos que eram chamados: Círculos de estudos. Inicialmente, o Círculo de Bakhtin era composto por cinco amigos provenientes da Escola de Nevel³, são eles: Valentin N. Voloshinov; Mikhail Bakhtin; Lev Vasilievich Pumpianskii e Matvei Isaevich Kagan.

Com base em Volóchinov/Bakhtin (2017) o Círculo se amplia a partir de 1920, quando Bakhtin é transferido para Vitebsk, recebendo outras figuras ilustres para compor o grupo como Pavel Nikolaevich Medvedev, Ivan Kanaev, Boris Michailovich Zoubakin e M. B. Yudina. Os grupos foram formados em um contexto de efervescência socialista, que nos reportam aos anos vividos no cenário soviético. A partir da revolução de 1917, as referências por parte do período pós-revolucionário provocaram grandes intervenções nas condições de vida do povo russo-soviético, tais como a criação de uma política interacionista voltada às condições de desalienação e emancipação dos trabalhadores do Leste e do Oeste e a criação de uma classe de Comissariado do Povo. Nesse contexto, acontece a implantação de um projeto de alfabetização para adultos com a criação de escolas e universidades; a implantação buscava remover o analfabetismo dos trabalhadores rurais e urbanos, a fim de transformar as condições culturais e intelectuais de vida de todo povo.

De acordo com Faraco (2009, p. 120), “podemos dizer que o círculo parte da asserção de que a realidade fundamental da linguagem é o fenômeno social de interação verbal”. Os então chamados Círculos, promovidos acerca de tais desafios, viabilizavam a associação coletiva entre intelectuais da época que cultivavam os mesmos propósitos, como expõe Zandwais (2016, p. 100): “[...] cujos objetivos consistiriam, sobretudo, em contribuir para a construção de uma sociedade mais emancipada, liberta de desigualdades sociais e alicerçada em bases marxistas de ciência”. O grupo de autores que constituía o Círculo de Bakhtin reunia-se, informalmente, integrado por componentes intelectuais bolcheviques da época, que produziam conhecimentos científicos sobre Filologia, Filosofia, Literatura, Arte, Biologia e Linguística.

³ “Bakhtin, após concluir seus estudos de Filologia na Universidade de Petersburgo, passa a lecionar na Escola de Trabalhadores de Nevel, em 1918. Nesse período, os estudos do grupo ainda giram em torno da filosofia kantiana”. (TCHOUGOUNNIKOV, 2006 apud ZANDWAIS, 2016).



O Círculo de Bakhtin produziu diversos escritos durante sua existência, uma das obras mais citadas entre os linguistas brasileiros, que ancorará nossa pesquisa intitulada-se *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*⁴, traduzida diretamente da primeira edição russa de 1929 por Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo e publicada no ano de 2017. A obra é redigida no âmbito do Círculo de Bakhtin por Valentin N. Volóchinov e assinada por Bakhtin, que analisa as principais tendências dos estudos da linguagem do século XIX e início do século XX⁵, como as escolas de Humboldt e Saussure, e a partir dessas propõe um método sociológico no qual os gêneros do cotidiano ocupam lugar em destaque.

Os problemas da filosofia da linguagem adquiriram uma importância significativa para o marxismo⁶, esse que é um sistema ideológico que proclama a emancipação da humanidade em uma sociedade mais igualitária e critica o capitalismo. O produto ideológico que faz parte da realidade social e natural não se encontra presente somente nessas realidades, mas é capaz de transmitir outras realidades sociais que não podem ser delimitadas. Volóchinov/Bakhtin (2017) ratifica que o ideológico possui uma significação, representando, dessa forma, algo além desse significado, ou seja, ele é um signo: “onde não há signo também não há ideologia” (VOLÓCHINOV/BAKHTIN, 2017, p. 91). Ponzio (2009, p. 116, grifo do autor): “portanto, podemos dizer que ideologia, para Bakhtin, não é uma simples “visão de mundo”, mas uma projeção social [...]”.

Compreendemos que qualquer corpo físico, seja ele um objeto ou um animal por exemplo, é transformado em um signo quando inserido em algum contexto simbólico, se atentarmos para a palavra coruja, sabemos que para a natureza ela é um animal que pertence a fauna, tem hábitos noturnos e alimenta-se de insetos; neste caso, ela é privada de significação e possui apenas uma finalidade, ser útil para a cadeia alimentar; mas se pensarmos na coruja como o símbolo do curso de graduação de Letras, percebemos que nesse contexto ela passa a

⁴ O primeiro livro a ser publicado em português no ano de 1979 (FARACO, 2009, p. 15).

⁵ De acordo com Faraco (2009, p. 23), no livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Voloshinov “[...] funda a teoria do signo e do significado, bem como sua crítica ao objetivismo abstrato em linguística nos mesmos pressupostos: a consciência do falante não se orienta pelo sistema da língua, mas pelo novo, pelo irrepetível do enunciado, pelo concreto de sua singularidade, pelo seu horizonte social avaliativo”.

⁶ Conforme Faraco (2009, p. 27), o marxismo é, de um lado, um pensamento homogêneo e monolítico, e de outro, uma identificação do marxismo com o discurso oficial do Partido Comunista URSS.



ser vista como signo ideológico⁷, pois expressará mistério, inteligência, sabedoria e conhecimento, estando dotada de uma significação puramente ideológica: “tudo que é ideológico possui significação sígnica”. (VOLÓCHINOV/BAKHTIN, 2017, p. 93). De acordo com Ponzio (2009, p. 119) o signo ideológico possui uma dupla materialidade, isto é: “como corpo o signo é material em sentido físico; como signo é material no sentido de que é um produto histórico-social”. Esse estudioso comenta que, com relação à ideologia, a materialidade sígnica, que é entendida apenas no sentido físico, se apresenta como um veículo, como instrumento de circulação da ideologia; em troca, a materialidade do signo se estende como realidade histórico-social, isto é: “[...] considerada do ponto de vista semiótico, a mesma já não é um simples veículo ou meio de circulação da ideologia, mas coincide completamente com ela: o material sígnico “é” o material ideológico”. (PONZIO, 2009, p. 119-120, grifo do autor).

Observamos o signo em todos os lugares que diariamente frequentamos, pois fazem parte da ideologia que norteia o meio social: “[...] como a significação dos signos envolve sempre uma dimensão axiológica, nossa relação com o mundo é sempre atravessada por valores”. (FARACO, 2009, p. 49). Cada signo é apresentado em algum material, podendo ser um som, uma cor, uma massa física ou até mesmo o movimento do corpo. Volóchinov/Bakhtin (2017) afirma que o signo é um fenômeno externo e explica tal afirmação de maneira que tanto o signo como os futuros efeitos por ele produzidos, e os novos signos que serão gerados em função disso ocorrem na experiência externa, ou seja, no meio social.

De acordo com Volóchinov/Bakhtin (2017), o ideológico tem seu lugar na existência e se encontra em um material sígnico específico, que é o social, isto é, ele é criado pelo homem. Conforme Pires (2002, p. 38, grifo do autor) o signo linguístico tem uma “plurivalência social” que se refere ao seu valor contextual e ressalta: “o fato de diferentes grupos sociais empregarem o mesmo sistema linguístico faz com que as palavras manifestem valores ideológicos contraditórios, tendo seu sentido firmado no contexto em que ocorrem. É a situação social imediata a responsável pelo sentido”. Assim sendo, os indivíduos de uma sociedade específica partilham da mesma ideologia, o que permite que a comunicação se

⁷ “[...] um produto da criação ideológica é sempre um signo” (FARACO, 2009, p. 48).



estabeleça entre eles. Não podemos deixar de mencionar que os indivíduos compõem uma coletividade ao estarem socialmente organizados, pois somente dessa forma um meio sógnico pode ser formado entre eles. De acordo com Ponzio (2009, p. 157-158):

[...] A ideologia não pode existir fora do material sógnico e, como o signo, tem um caráter social. O social em seu conjunto está repleto de signos, e também de ideologias. O ideológico e o signo não representam extratos separados, uma esfera isolada na qual se reflete a ordem social. Signos e ideologia intervêm ativamente em todas as formas de relação social [...] Isso significa também que o signo ideológico não reflete passivamente as desigualdades e as contradições sociais, mas que forma parte da organização social em suas diferentes formas [...] O signo é a expressão viva das contradições de classe (e não somente sua mera representação). É ideológico por si mesmo, contraditório, ambíguo, plurivocal, e o é mais quanto maiores são as contradições sociais e quanto mais peso tem o sistema sógnico-ideológico na organização social e no desenvolvimento das forças produtivas.

A nossa consciência individual se forma e se realiza no material sógnico criado quando estamos inseridos e nos comunicamos em uma coletividade organizada. Os signos nutrem a consciência individual que não pode ser privada de seu conteúdo sógnico ideológico, pois se assim for nada sobrará dela, essa se aloja em uma imagem, palavra ou gesto. O signo materializa-se por meio da comunicação que se dá através da palavra, determinando a realidade: “[...] *é um fenômeno ideológico par excellence*”. (VOLÓCHINOV/BAKHTIN, 2017 p. 98, grifo do autor), visto que a realidade é integralmente absorvida na sua função de ser signo. É por meio da palavra que podemos explicar, do melhor modo possível, as principais formas da comunicação sógnica.

Entretanto, não se esgota nisso. A palavra não é apenas o mais representativo e puro dos signos, mas também um *signo neutro*. Todos os demais materiais sógnicos são especializados em campos particulares da criação ideológica. Cada campo possui seu próprio material ideológico e forma seus próprios signos e símbolos específicos inaplicáveis a outros campos. Nesse caso, o signo é criado por uma função ideológica específica e é inseparável dela. Já a palavra é neutra em relação a qualquer função ideológica específica. Ela pode assumir *qualquer* função ideológica: científica, estética, moral, religiosa. (VOLÓCHINOV/BAKHTIN, 2017, p. 99, grifo do autor).

Com base em Ponzio (2009, p. 123, grifo do autor) refletimos que Bakhtin considera o signo verbal como signo ideológico por excelência, pois o signo verbal, isto é a palavra, é resgatada em sua concreta e viva totalidade, dessa forma, a palavra não pode ser estudada através de perspectivas monológicas e reificantes: “[...] pois se coloca na “esfera da relação



dialogica”, ou seja, na “esfera da autêntica vida da palavra”.”. Já Pires (2002) compreende a palavra como um fenômeno ideológico por excelência, pois carrega uma carga de valores culturais que expressam divergências e contradições sociais, tornando-se assim um palco de conflitos.

O signo neutro estabelece-se, por sua vez, no sentido de que a palavra pode assumir funções diferenciadas, isso ocorre devido à sua propriedade de neutralidade. Podemos dizer também que o signo neutro recebe carga significativa a cada momento de seu uso. Diante disso, realizaremos a análise voltando-nos para a constituição do sujeito.

3 ANÁLISE: A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

Este momento da análise qualifica-se por determinar, por meio do discurso composto em dois recortes representativos, o desdobrar interativo entre os sujeitos. Esse movimento interativo permite a análise da representação da socialização do signo à medida que acompanha a enunciação compartilhada nos ambientes sociais. A enunciação é fator de constituição do sujeito, que a partir da interação nos ambientes sociais/digitais, mobiliza e sua ideologia que mais tarde será compartilhada pelo discurso, confrontando ideias e conceitos já cristalizados em sua consciência com ideias e conceitos socializados nas redes sociais pelos sujeitos interactantes.

Para tanto, voltamo-nos para os recortes enunciativos representativos e encontramos relevância na perceptível evolução discursiva dos dois sujeitos, Ana e Ricardo. Importa-nos aqui a forma com que o movimento enunciativo se (re)constrói, a fim de socializar o pensamento interiorizado e igualar-se ou sobressair-se, no nível linguístico, dos demais interlocutores que participam do compartilhamento em redes sociais.

Analisaremos dois excertos que foram transcritos com o auxílio de um diário de campo que nos acompanhou em todas as visitas feitas ao casal. De fato, os segmentos eleitos como oportunos para esta análise não pretendem esgotar as potencialidades que os registros apresentam, mas, neste trabalho, são observados a fim de revelar as incertezas fundamentais que o movem. Dessa forma, os dois excertos enunciativos serão dispostos de forma linear, com relação ao tempo, e analisados de acordo com as possibilidades teóricas encontradas em cada recorte. Não seria interessante analisarmos os recortes de forma não linear, nossa



intenção é, também, perceber a mudança enunciativa de ambos os sujeitos, o que somente o tempo e o espaço são capazes demonstrar. Assim imbricados, os excertos evidenciam a interatividade com as redes sociais e a presença discursiva observada nos segmentos de análise.

No próximo primeiro, Ana preocupa-se em compartilhar o signo na rede social de maneira correta, afinal, como ela faz uso constante desse meio, e precisa exteriorizar ideias e posicionamentos sintaticamente corretos.

Segmento 1: Não, não é assim que se escreve

Participantes: Ana, Ricardo e filha

Data do excerto: 10/03/2018

Circunstância: Ana e Ricardo estavam olhando juntos o *Facebook*. Ana queria perguntar se um carro que estava à venda era flex. O corretor do aplicativo deixava a palavra sublinhada, assinalando estar incorreta.

Ricardo: Não! Não é assim que se escreve... É com 'k'!

Filha: O que estão tentando escrever?

Ricardo: Flex...

Filha: Pai, flex é com 'x'. F – L – E – X ...

Ricardo: Ahh... [[[... Corrige aí, Ana...

Ana: Com 'x' tá certo? Vocês têm certeza? Não pode tá errado!

Nesse segmento, Ana e Ricardo estão navegando na rede social Facebook quando necessitam, por meio de comentários, perguntar se o carro que está à venda é flex ou não. O casal interage com o dono do veículo e conseqüentemente com todos os outros sujeitos que estão interessados, ou que, por algum motivo, somente estão acompanhando os comentários e as suas réplicas. Ao estarem expostos no ambiente social, Ricardo preocupa-se com a postagem de Ana, com relação ao valor sintático do enunciado compartilhado, e busca encontrar a forma correta de redigir o signo flex. Nesse meio tempo, a filha que por perto estava questiona sobre o que está sendo compartilhado. Ricardo afirma com convicção que a palavra deve ser redigida com k, mas a filha interage e replica que a palavra deve ser redigida com x. É possível que Ricardo afirma ser com k devido às questões fônicas do signo. Ana prefere não opinar sobre a construção sintática da palavra, mas usa a réplica para perguntar se os dois estavam certos do que estavam dizendo.



A usuária antes de compartilhar preocupa-se com a palavra, o que provoca uma interiorização desse para os dois sujeitos; é importante salientar que a forma escrita não altera o significado da palavra, mas é provável que na próxima socialização, a forma correta de redação do signo será lembrada pelo psíquico, ou seja, pelo interior. O fenômeno psíquico, associado aos conceitos apresentados por Volóchinov/Bakhtin (2017), que corresponde ao ato de compreender e interpretar o signo, é decorrente dos fatores sociais determinantes da vida concreta do indivíduo pertencente a uma sociedade específica. É por meio da interação entre os indivíduos que brotam do movimento enunciativo os signos e, dessa forma, agregam significado, sendo por esse motivo que a palavra torna-se palavra, isto é, tudo que é ideológico, tudo que está no meio social, possui significação sígnica.

Diante disso, a usuária sente-se um pouco insegura em relação ao compartilhamento de ideias, e questiona a filha sobre outras diversas coisas que o Smartphone passa a apresentar, o que acompanhamos no Segmento 2.

Segmento 2: Olha o que apareceu!!!

Participantes: Ana e filha

Data do excerto: 06/04/2018

Circunstância: Ana está conversando no *Whatsapp* quando aparece um lembrete na tela do celular.

Ana: Filha! Vem cá! Olha o que apareceu!!! ...

Filha: Mãe isso é um lembrete que aparece no teu celular, é só sair...

Ana: Da onde vem isso?!

Filha: Bah... não sei... aparece...

Ana: Como não sabe?!!! Essas coisas que a gente não sabe!

Ao ouvir a opinião da filha no Segmento 2, percebemos em Ana a insegurança advinda das experiências anteriores relacionadas ao uso do dispositivo, e conseqüentemente do compartilhamento de enunciados no ambiente digital. A usuária acredita que a filha conhece um pouco mais sobre o funcionamento dos ambientes digitais e passa a questioná-la com mais frequência. Esse excerto, entre vários outros, mostra o desconforto de Ana diante de qualquer situação incomum em seu Smartphone ou nas redes.



Quando algo aparece na tela de seu celular, Ana fala em tom ascendente⁸ com a filha, parecendo estar preocupada por não saber que medida deve tomar para que o pop-up desapareça de sua tela. Com calma, a filha orienta a mãe de que isso acontece, e a solução é apenas sair, ou seja, fechar; mas diz não saber o porquê isso acontece. Ana fica inconformada com a posição da filha, e depois desse dia começa a ter mais autonomia e deixa de lado os questionamentos que fazia para a filha.

Uma das características importantes desse segmento é a forma com que Ana enuncia o signo, a sua entonação reflete a palavra e a ela dá a significação sobre a ênfase valorativa. Entonação expressiva, como é denominada por Volóchinov/Bakhtin (2017), dá-se pela situação e pelas circunstâncias mais próximas, nesse caso, o signo é visto como um apoio para a entonação, pois o discurso está determinado pela situação social dos sujeitos que enunciam. Ana manifesta seu sentimento por meio da entonação expressiva, sentimento esse que pode estar transmitindo dúvida, indignação ou até mesmo receio de fazer algo que possa prejudicar suas atividades virtuais. A significação da palavra pode variar de acordo com a entonação expressiva, está claro que Ana eleva seu tom de voz a fim de mostrar indignação, mas poderia fazer uso de tom irônico para marcar seu último enunciado: Como não sabe?!!! Essas coisas que a gente não sabe! que faz transparecer que a filha deve saber o porquê, mas não revela.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão, retomamos a temática deste artigo que consiste na constituição do sujeito via redes sociais, reforçamos o caráter de constituição desse e questionamos: Como se constitui, via linguagem, esse sujeito que passou a ser usuário das redes sociais? Podemos replicar tal questão diante de dois aspectos: em relação ao primeiro deles, o que percebemos até aqui é o uso de signos advindos dos contextos interacionais das redes sociais, o que é plenamente autorizado pela ideologia, a qual permite vislumbrar esse meio como um meio legitimado socialmente e que, portanto, pode e merece ser absorvido pelas interações do sujeito usuário; segundo, a necessidade de interação que permite que o signo só exista e só ganhe espaço na interação, então é visível a necessidade de validação do discurso entre o casal.

⁸ Tom ascendente, por nós compreendido, refere-se ao uso distintivo do tom de voz do sujeito que enuncia, referindo um movimento tonal que parte de um ponto relativamente baixo para um ponto relativamente alto.



Algumas questões, levantadas por Diedrich et.al. (2017), afirmam que os recursos de interação devem ser analisados com base nos efeitos que produzem na vida das pessoas, à vista disso, podemos afirmar que a constituição do sujeito deve ser avaliada a partir dos efeitos que o signo linguístico, presente nas redes sociais, reflete na relação entre os sujeitos ativos na rede ou que, mesmo fora dela, exteriorizam elementos discursivos dos quais se apropriaram nas interações constituídas nesses espaços virtuais.

REFERÊNCIAS

FARACO, Carlos. A. *Linguagem & Diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. 168 p.

PIRES, Vera Lúcia. Dialogismo e alteridade ou a teoria da enunciação em Bakhtin. *Cadernos IL*, Porto Alegre, v. 6, p. 35-48, 2002. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/issue/view/1699/showToc>>. Acesso em: 26 out. 2018.

PONZIO, Augusto. Signo e sentido em Bakhtin. In: PONZIO, Augusto. *A revolução bakhtiniana*. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2009. p. 89-100.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e Filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2017. 376 p.

ZADWAIS, Ana. Bakhtin/Voloshinov: condições de produção de marxismo e filosofia da linguagem. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin e o círculo*. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2016. p. 97-116.